

Olhar o Sul

NOVA CHANCE DA CHINA EM ÁFRICA?

Manuel Ennes Ferreira

mfereira@iseg.ulisboa.pt



Com a saúde não se brinca, com a saúde não se deve fazer política. Se a primeira asserção é verdadeira, a segunda, no mínimo, deixa muito a desejar. O exemplo mais recente é a decisão de Trump em suspender a contribuição dos EUA para a OMS, para a qual os EUA doam 500 milhões de dólares e a China 40 milhões. A OMS é usada como instrumento para atingir a China na disputa geopolítica e poder económico mundial.

Mas é caso para dizer 'não matem o mensageiro'... e a União Africana já condenou esta decisão. Para África, calcula-se em 100 mil milhões de dólares o impacto nos sistemas de saúde e na economia. Como é que a comunidade internacional vai reagir? O FMI e o Banco Mundial já indicaram moratórias e perdões de dívida. A União Europeia anunciou ajuda de 15 mil milhões de euros e o Banco Africano de Desenvolvimento a emissão de títulos Combater-covid-19 no valor de 3 mil milhões de dólares. E a China? É o principal credor bilateral do continente, tendo desembolsado 146 mil milhões de dólares em empréstimos desde o início do século. Será que a crise da covid-19 proporcionará à China uma nova oportunidade para se afirmar e consolidar no con-

tinente africano? E bom recordar que a sua entrada se fez, de forma definitiva, a partir dos primeiros anos deste século. Na altura, foi ao encontro das necessidades financeiras dos países africanos e da construção de infraestruturas, tornando-se, entretanto, o principal parceiro comercial bilateral. A este propósito, o caso de Angola, imediatamente após o fim da guerra civil em 2002 e com a falhada Conferência Internacional de Doadores, é exemplo paradigmático no continente. Entretanto, passou relativamente despercebida a menção à Health Silk Road inserta no plano trienal da Rota da Seda de 2015-2017 e, neste último ano, a sua formalização. No mesmo sentido, a promessa de construção do primeiro centro africano de controle de doenças em Adis

Abeba. Não deve tardar o anúncio do apoio chinês em perdão ou reestruturação da dívida externa, novos empréstimos e ajuda pública. A par disso, a oferta de equipamentos, o envio de equipas médicas e a sua experiência para lidar com a doença. Este é o lado importante da diplomacia pública, uma excelente oportunidade para marcar pontos na maneira como se olha o modelo chinês, o chamado *soft power*, e onde tem tido dificuldade em se afirmar. Em suma, será esta a nova chance, a segunda, para a consolidação da China como principal parceiro em África no quadro de geopolítica global? Provavelmente... e sobretudo, como anteriormente, por falta de comparência dos adversários.

Professor do ISEG/ULisboa